

# DO DRAMÁTICO AO ÉPICO: A PRESENÇA DA TRAGÉDIA NA *ARGONÁUTICA* DE APOLÔNIO DE RODES

Fábio Gerônimo Mota DINIZ\*

■ **RESUMO** – O presente trabalho discute a relação entre o poema épico *Argonáutica*, de Apolônio de Rodes, e as tragédias gregas precedentes a ele. Considera-se que as tragédias, ao lado da poesia homérica, são importantes fontes para sua abordagem do mito e, subsequentemente, para a narrativa de Apolônio. Além disso, a narrativa e os recursos expressivos que o poeta utiliza são muito próximos às tragédias de Eurípides (1939) e Ésquilo, e essa relação nos ajuda a compreender melhor como um poeta alexandrino trabalha a matéria épica após o advento da tragédia clássica.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Apolônio de Rodes. *Argonáutica*. Período Helenístico. Tragédia. Poesia épica.

## A Telemaquia como *exemplum*

Telêmaco, o filho do herói Odisseu, é um jovem que sofre com a ausência do pai, sentimento esse expresso não apenas em suas falas, mas em suas atitudes. No canto I da *Odisseia* de Homero (2007), no primeiro momento em que aparece, o jovem recebe a deusa Palas Atena disfarçada como Mentis. Homero (*Odisseia*, I, vv.113-115) descreve como se sentia o jovem:<sup>1</sup>

τὴν δὲ πολὺν πρῶτος ἶδε Τηλέμαχος θεοειδής,  
ἦστο γὰρ ἐν μνηστῆρσι φίλον τετιμῆνος ἦτορ,  
ὁσσόμενος πατέρ' ἐσθλὸν ἐνὶ φρεσίν, [...]

Viu-a muito primeiro Telêmaco divino,  
pois sentara em meio aos pretendentes com o pesaroso coração,

---

\* Doutorando em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós - Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14.800-901 – fabiogeronimo@gmail.com

<sup>1</sup> Trechos das obras em grego, bem como de outras em língua estrangeira, traduzidas pelo autor do trabalho. Citações da *Argonáutica* traduzidas a partir da edição comentada de Mooney (APOLLONIUS RHODIUS, 1912).

pensando em seu bom pai no peito, [...]

Telêmaco possui pesaroso o coração, num sentimento de angústia que outras vezes será percebido, e que muito se assemelha à angústia de Jasão na *Argonáutica* de Apolônio de Rodes. O autor alexandrino do século III a.C. constrói um protagonista para seu poema épico que possui a insegurança e a fragilidade do filho de Odisseu, mas que tem que arcar com a sua posição de líder da expedição dos argonautas. A palavra que designa o pesar de Telêmaco, *tetiēmenos*,<sup>2</sup> aparece junto a Jasão na *Argonáutica* em III, v.491: “A eles o Esonida pesaroso falou essas palavras”.<sup>3</sup> A forma em questão é o particípio do verbo *tetiēmai*,<sup>4</sup> palavra que aparece em Homero 15 vezes,<sup>5</sup> sempre associada a *hētor* ou *thymós*.<sup>6</sup> Porém, na *Iliada* (HOMERO, 2003), essa palavra nunca aparece junto a Aquiles, apesar de aparecer acompanhando o nome de outros heróis. Já na *Odisseia* tanto Telêmaco quanto Odisseu<sup>7</sup> sofrem o pesar, o *tetiēmai*, em seus corações.

As atitudes de Jasão lembram em muito os lamentos de Telêmaco. Clare (2002) salienta que Telêmaco serve como um exemplo para a jornada de amadurecimento de Jasão. Já Dufner (1988, p.262-263), no sétimo capítulo de seu texto, apresenta a partida de Jasão como uma releitura da Telemaquia. Ela demonstra que ambos os episódios são compostos de narrativa semelhante no que diz respeito às preparações para a viagem (*Odisseia*, II, vv.386-421; *Arg.* I, vv.18-19; I, vv.23-277; I, vv.317-94; I, vv.520-27), bem como compara a fala de Alcímede com a de Penélope (*Arg.* I, vv.284-86; *Odisseia*, IV, vv.732-34). Ela chama atenção para o trecho de Beye quando o autor aproxima essa sequência também à cena de Euricleia, no símile que compara Jasão a uma velha. Na verdade, Beye (1982, p.84) diz mais, salientando a relação entre as personalidades de Jasão e Telêmaco:

A viagem termina e o desempenho de Jasão nela tem sido comparado à Telemaquia; na sua viagem e descoberta, de acordo com essa visão, Jasão

<sup>2</sup> Todos os termos gregos discutidos no texto estão transliterados para caracteres latinos, com os sinais diacríticos correspondentes, de acordo com as “Normas para a transliteração de termos em grego antigo”, da *Revista Clássica*, disponíveis em: <<http://classica.org.br/cia/v19/Classica%20Brasil%2019.2%20298-299%202006.pdf>>. Versos completos e passagens mais longas não sofreram transliteração.

<sup>3</sup> τοῖσιν δ' Αἰσονίδης τετιημένος ἔκφατο μῦθον.

<sup>4</sup> *tetiēmai* é uma forma do perfeito passivo de *tiēō*, verbo não utilizado na sua forma do presente.

<sup>5</sup> *Iliada*: VIII, v.437, v.447; IX, v.13, v.30, v.695; XI, v.555, v.556; XVII, v.664; XXIV, v.283. *Odisseia*: I, v.114; II, v.298; IV, v.804; VII, v.287; VIII, v.303; XVIII, v.153.

<sup>6</sup> Podemos entender *hētor* como a sede dos sentimentos para o grego. Snell (2001, p.9) diz que o *thymós* “é, em Homero, o que provoca as emoções”, sendo algo próximo de um “órgão espiritual”.

<sup>7</sup> Em *Odisseia*, VII, v.287 é o próprio Odisseu quem diz sentir o *tetiēmai* em seu *hētor*.

aprende sobre amor e guerra, a falência da ação heroica e o poder do intelecto. Essa é uma ideia atraente, mesmo pensando que talvez subestime a ironia do poema. É verdade que Jasão, nesse ponto, é muito parecido com o ineficaz, irresoluto Telêmaco que perde sua compostura diante dos pretendentes (*Od.* II, v.81). Pode lembrar, de fato, a lamentação da velha ama Euricleia na partida de Telêmaco (II, vv.361-370). O símile de Jasão como uma velha ama rememora, de maneira perversa, aquele momento; pensando particularmente na liberdade do filho de Odisseu, que pode dizer a Euricleia, “não diga nada à mamãe sobre isso”, e ainda ir embora sem a imposição de um ônus emocional que ameça o suave Jasão.

Telêmaco, assim, seria um exemplo para o desenvolvimento do caráter do personagem Jasão, mesmo papel exercido por Orestes na *Odisseia* em relação a Telêmaco. Neves (1987, p.167-168) afirma que “[...] A *Odisseia* oferece um interessante exemplo de história dentro de história”. A história dentro dessa epopeia de Homero é a de Agamêmnon, do assassinato do líder grego após o seu retorno da guerra de Troia. A autora observa que essa história serve de paradigma para a própria narrativa central do texto, onde a sorte de Agamêmnon é posta em contraponto à de Odisseu. Assim funciona com seus correlatos: Penélope, a esposa exemplar, é o contraexemplo de Clitemnestra, a esposa traidora; Telêmaco, filho de Odisseu, assim como Orestes, filho de Agamêmnon, deve ser provado.

Se considerarmos os atos dos personagens, é possível aprofundar essa análise. Os inimigos de Jasão, de Orestes e de Telêmaco são bem claros, mas os caminhos pelos quais eles atingem suas vinganças e passam a servir de exemplos de conduta são bem diferentes.

Seguindo esse raciocínio, pode-se tomar como exemplo a sequência crucial do assassinato do irmão de Medeia, Apsirto, que é ponto culminante da fuga dos amantes – Jasão mata Apsirto sob a influência de Medeia. Nessa cena, por intermédio da metáfora do sacrifício de um boi, como atestado por Dufner (1988, p.186), a *Argonáutica* retoma o mito de Agamêmnon tanto pela *Odisseia*, quanto pela tragédia de Ésquilo e Eurípides. Dufner destaca ainda que o símile não é exclusivo do contexto da morte de Agamêmnon, sendo usado pelo próprio Apolônio na luta de Polideuces e Amico, em II, vv.90-96 e, na *Iliada*, em XVII, vv.520-523, quando Automedonte mata Areto. A autora compara as mortes de Agamêmnon e Apsirto, que são ambas frutos do ato de uma mulher infiel a sua aliança familiar em conspiração com seu amante. Mas nesse caso, a *Argonáutica* se aproxima mais da tragédia, já que na *Odisseia* Clitemnestra não participa do assassinato de Agamêmnon.

## A *Odisseia* trágica de Apolônio

Na *Odisseia*, o símile do sacrifício de um boi aparece no canto IV, vv.534-535, justamente descrevendo o ato funesto de Egisto a conduzir Agamêmnon para a morte:

τὸν δ' οὐκ εἰδὸτ' ὄλεθρον ἀνήγαγε καὶ κατέπεφνε  
δειπνίσσας, ὥς τις τε κατέκτανε βοῦν ἐπὶ φάτνῃ.

(Agamêmnon) Não sabendo da ruína, (Egisto) o conduz e o mata,  
Em um banquete, tal como se mata um boi na manjedoura.

Em *Agamêmnon* (vv.1125-1129) de Ésquilo (2004), Cassandra utiliza essa mesma metáfora:

ἄ ἄ, ἰδοὺ ἰδοῦ: ἄπεχε τῆς βοῶς  
τὸν ταῦρον: ἐν πέπλοισι  
μελαγκέρῳ λαβοῦσα μηχανήματι  
τύπτει: πίτνει δ' ἐν ἐνὸδρῳ τεύχει.  
δολοφόνου λέβητος τύχαν σοι λέγω.

Ai Ai, veja, veja! Afasto o touro  
Da vaca! Pelo truque do véu  
Ela o envolve e com negros chifres  
O golpeia: ele cai numa banheira!  
Num banho de traição assassino é o ato que te digo!

Já na *Electra* (vv.1142-1144) de Eurípides (1939), as palavras são da própria Electra para sua mãe:

κανοῦν δ' ἐνήρκται καὶ τεθηγμένη σφαγίς,  
ἥπερ καθεῖλε ταῦρον, οὗ πέλας πεσῆ  
πληγεῖσα:

Ofertara-se a cesta e afiada está a faca  
que derrubou o touro, do qual ao lado tu cairás  
abatida!

Por fim, na *Argonáutica* (IV, vv.468-470), o trecho é o que segue:

τὸν δ' ὄγε, βουτύπος ὥστε μέγαν κερεαλκέα ταῦρον,  
πλήξεν ὀπιεύσας νηοῦ σχεδόν, ὃν ποτ' ἔδειμαν  
Ἀρτέμιδι Βρυγοὶ περυναίεται ἀντιπέρηθεν.

E ele, como um alkoz a um grande touro de fortes cornos,  
espreitando-o, derrubou-o perto do templo que no passado construíram para  
Ártemis os brigos, habitantes da costa oposta.

É possível notar que o símile apresentado na *Odisseia* serve de base para os seguintes, e pelos exemplos supracitados é difícil não supor que a construção chega a Apolônio pelo caminho da tragédia. Ainda mais considerando que há uma relação intrínseca entre a *Argonáutica* e a tragédia no que tange ao tema.

O fato de a narração dos sucessos de Agamêmnon servir como elemento de comparação para o ato de Jasão – ato esse que leva ao seu amadurecimento – pode servir aqui como um exemplo da “antecipação” de Apolônio para a versão euripídiana do mito, quando Medeia matará os filhos por causa da traição de Jasão. Apesar de escrever uma obra posterior à tragédia de Eurípides, Apolônio narra os eventos anteriores aos da *Medeia*. Quando Medeia (III, vv.985-998) exige de Jasão que mantenha a sua palavra, de que a levaria para o seu reino – palavras essas deixadas de lado quando ele decide abandoná-la para livrar-se da perseguição dos colcos –, e o convence do assassinato, Apolônio tem em mente a tragédia de Eurípides para construir tanto seu Jasão – mas esse deve amadurecer a partir do modelo homérico do herói em formação, que é Telêmaco – quanto Medeia, que age arditamente. Além disso, essa cena é uma clara demonstração de que para Jasão o objetivo único de sua viagem continua a ser o mesmo: retornar com o velo para recuperar seu trono. A interpretação de que ele assassina Apsirto por amar Medeia seria errônea, pois ele tencionava abandoná-la, e apenas comete o ato para aplacar sua ira, cumprindo com a palavra dada.

Dufner, porém, vai além, ao demonstrar que a relação entre Medeia e Jasão retoma a *Odisseia* em diferentes momentos e com diferentes valores. A ajuda de Medeia a Jasão para a completude das provas impostas por seu pai é vista como paralela à prova do arco de Odisseu. Entretanto, ao matar Apsirto, Jasão e Medeia se tornam, em verdade, Egisto e Clitemnestra.

Isso ocorre na cena que precede o assassinato de Apsirto. Antes de Jasão propor o assassinato a ela (IV, 385-409), Medeia faz um longo discurso no qual ela censura Jasão, implora a ele que não permita que ela seja entregue a seu irmão, e o ameaça com maldições. Ela lamenta ter trazido desgraça à humanidade: κατὰ δ' οὐλοὸν αἴσχος ἔχευα/θελυτέραις (IV, 367-68). Suas palavras rememoram a represália de Agamêmnon à Clitemnestra: ἡ δ' ἔξοχα λυγρὰ ἰδυῖα/οἱ τε κατ' αἴσχος ἔχευε καὶ ἔσσομένησιν ὀπίσσω/θελυτέρησι γυναιξί, καὶ ἡ κ' ἐνεργὸς ἔησιν. (*Od.* XI, 432-34). Talvez essas palavras de Medeia, nas quais ela através da alusão implicitamente compara ela mesma a Clitemnestra, sirva para prefigurar a mudança de positivo para o análogo negativo. (DUFNER, 1988, p.187-188).

O tema da vingança de Orestes serve de paradigma para as ações de Telêmaco e, por conseguinte, de Jasão, e fica claro que por isso Apolônio seleciona a versão do mito pela tragédia e não pela *Odisseia*. O sacrifício de um boi é o símile representativo do ritual que leva Jasão da juventude heroica ao amadurecimento, como herói de uma tragédia, ou de um épico às avessas. Mas esse não é o único recurso trágico que Apolônio trabalha dentro do seu poema. Nessa análise de Dufner encontramos mais de Clitemnestra em Medeia do que de Penélope. E, ainda mais, Jasão é mais próximo de Egisto que de Orestes.

Além do paralelo entre a viagem de Jasão e a de Telêmaco, é claro que boa parte do périplo da Argo é calcada na própria viagem de Odisseu. O quarto canto da *Argonáutica* compreende o chamado *nóstos*, a narrativa de retorno de heróis, sendo a mais famosa delas a viagem de Odisseu. Dufner (1988, p.273), em seu trabalho de reconhecer reminiscências da *Odisseia* dentro da *Argonáutica*, salienta também que não apenas todo o *nóstos* da *Argonautica* retoma a *Odisseia*, mas que Apolônio recriou na *Argonáutica* duas versões da *Odisseia* – a primeira é a própria viagem de ida até a Cólquida. Dufner (1988, p.65) apresenta uma tabela que sintetiza esse *nóstos*, salientando a diferença entre a ordem literal dos fatos narrados na *Odisseia* e a narrada de fato.

A seguir, a autora destaca outros momentos onde podemos reconhecer a divisão da *Argonáutica* em duas narrativas – a dos três primeiros livros e a do quarto, o *nóstos* –, pela morte de dois personagens em cada parte da história: Idmon e Tífis (II, vv.815-862) na primeira, e Canto e Mopso (IV, vv.1485-1537) na segunda. Ela sustenta que o debate sobre como interpretar a *Odisseia* e como ler sua geografia poderia ser um debate claramente estabelecido no período helenístico.

Para os críticos helenísticos, o debate também envolvia os problemas de como ler poesia, de como combinar realismo com fantasia, como, quanto, e quando racionalizar o mito, em qualquer trabalho literário; essas questões estavam todas relacionadas à dificuldade em geral de como escrever um épico mitológico. (SÁNCHEZ apud APOLLONIUS RHODES, 1996).

Mas a posição de Apolônio nunca é a de mero imitador do passado épico, e sim a de recriador desse passado sob seu olhar, não apenas ao usar dos estratagemas calimaquianos<sup>8</sup> para interpretar os personagens do passado mítico grego, mas também na reconstrução do próprio exemplo que sustenta sua obra.

Goldhill (1991, p.319-320) exemplifica essa característica do poema com a passagem do casamento entre Jasão e Medeia, no canto IV, quando para impedir que ela volte para a Cólquida, o rei Alcino decide casar os dois, já que estando casada a

---

<sup>8</sup> Calímaco, famoso poeta natural de Cirene, viveu aproximadamente entre 310/305 e 240 a.C. Seu legado é a teoria estética que influencia Apolônio de Rodas substancialmente. Sobre esse assunto, ver Margolies (1981).

jovem deve permanecer ao lado de seu marido. Apolônio destaca que o desejo dos jovens não é se casar na terra de Alcino (IV, vv.1161-1164), mas as circunstâncias os obrigam. A necessidade do *nóstos* para o cumprimento da união dos dois é análoga à necessidade de Odisseu em voltar para os braços de sua esposa, Penélope. Mas Goldhill destaca que o fato de a consumação do casamento dos dois se dar sobre o próprio vela, unindo tanto o objetivo da viagem quanto a consequência, que é o rapto da princesa, acompanha uma visão pessimista da condição humana, conforme está expressa em Apolônio (IV, v.1165):

ἀλλὰ γὰρ οὔποτε φῦλα δυηπαθέων ἀνθρώπων  
τερπωλῆς ἐπέβημεν ὅλῳ ποδί: σὺν δέ τις αἰεὶ  
πικρὴ παρμέμβλωκεν ἐυφροσύνησιν ἀνίη.

Mas nunca a raça dos muito sofridos homens  
prazer alcançamos com pé seguro: sempre  
alguma amarga tristeza anda junto à felicidade.

Para Goldhill, essa sequência revela o paradigma do sucesso incerto dentro da obra, da fragilidade do prazer. Ela serve não apenas para salientar a intenção de que a viagem dos argonautas era uma viagem de insucesso – pois era esse o objetivo primeiro de Pélias –, como antecipa os terríveis eventos que se desenvolverão pelo casamento dos personagens. Há aqui uma combinação de um exemplo duplo, da obra homérica e da tragédia euripídiana, para exemplificar a condição humana por intermédio do mito. Essa dupla exemplaridade também reforça o papel da tragédia como intérprete do mito, bem antes do trabalho dos eruditos de Alexandria.

A reinterpretação acontece também em alguns eventos caros à *Odisseia*, que são revisitados dentro da *Argonáutica*. Tanto Odisseu quanto Jasão encontram-se com as sereias em suas viagens, mas a abordagem de Apolônio difere bastante da de Homero. Primeiramente pela estratégia para evitar o seu canto: é Orfeu que interfere, com sua música, para abafar o canto das sereias. Em Apolônio temos o nome da ilha onde elas se encontram, Antemoessa, e a sua genealogia – que fazem parte da estratégia etiológica da *Argonáutica* –, e nenhuma dessas informações aparece na obra homérica. Além disso, Apolônio relaciona as sereias à Perséfone,<sup>9</sup> como faz Eurípides (*Helena*, vv.167-178), realizando uma descrição muito mais detalhada e maravilhosa – como era de se esperar de um autor alexandrino – que Homero. O único argonauta a ser afetado pela música das sereias, Butes, não morre: ele é salvo pela deusa Cípris para que “habitasse o cabo Lilibeu” (IV, vv.914-919), remetendo novamente a um mito fundador (GOLDHILL, 1991, vv.298-300).

<sup>9</sup> Sánchez (APOLLONIUS RHODIUS, 1996, p.300-301, nota 704) afirma que as sereias associadas ao cortejo de Perséfone são metamorfoseadas em monstros metade mulher, metade ave, quando ela é raptada por Hades.



Hunter (2001, p.121) observa que a *Argonáutica* parece fazer um uso importante da tradição dramática, e que cenas como o encontro de Hipsípila e Jasão no primeiro canto do poema não apenas evocam Homero – nesse caso especificamente o encontro entre Odisseu e Nausícaa –, mas também são desenhadas de uma maneira mais dramática. Mas, nesse sentido, é claro que a personagem que mais deve à tragédia é Medeia, já que o paradigma de Apolônio para o desenvolvimento da personalidade da jovem é a heroína de Eurípides.

Há ainda a cena do encontro dos argonautas com o rei dos Doliones, Cízico. Após serem acometidos por uma tempestade logo após deixarem o reino hospitaleiro de Cízico há, segundo Goldhill, uma comparação possível com a cena de Homero, onde Odisseu, após atacar o reino dos Cicones, o que causou diversas baixas na expedição, também é acometido por uma tempestade que os faz aportar no país dos lotófagos (*Odisseia*, IX. v.67 e ss.). A diferença é que, para Jasão e seus companheiros, o engano causado pela noite e pelo retorno repentino os levou a uma batalha – uma das únicas em todo poema<sup>10</sup> – que praticamente dizima os Doliones, incluindo seu rei, o que Goldhill classifica como um erro trágico. Ideia reforçada pelo trecho onde a voz do narrador comenta o destino dos mortais (I, vv.1035-1036):

[...] τὴν γὰρ θέμις οὐποτ' ἀλύξαι  
θνητοῖσιν: πάντῃ δὲ περὶ μέγα πέπταται ἔρκος.

Pois ao destino jamais fugir pode  
o mortal: ao redor por todos os lados uma grande rede abre-se.

A ideia do destino imutável é reforçada em outros momentos da obra, e, segundo Sánchez (APOLLONIUS RHODIUS, 1996, p.137, nota 164), a imagem do destino como uma rede é também tomada da linguagem da tragédia.

Essa estratégia de utilizar a tragédia para reinterpretar o passado dentro de um poema épico é provavelmente uma das mais singulares demonstrações da função de um poema como a *Argonáutica* como um trabalho não apenas literário, mas de crítica da própria poesia. A forma escolhida por Apolônio para seu texto, um épico, remete a Homero, mas muitas das atitudes de seus personagens, linguagens, símiles e elementos de seu texto remetem à tragédia, principalmente à de Eurípides. Assim, a *Argonáutica* bebe na fonte trágica com o intuito de humanizar seus personagens.

<sup>10</sup> Batalha que possui uma brevíssima descrição de cada combate travado por cada argonauta, o que o autor considera uma paródia da narrativa homérica encontrada na *Iliada*, utilizando-se de um *reductio*, considerando que os nomes dos Doliones mortos aparecem sem as características típicas de narrativas semelhantes em Homero, sem os nomes de pais, histórias curtas sobre os personagens ou pequenas descrições das circunstâncias da morte. Sánchez observa que alguns dos heróis derrotados eram epônimos de lugares próximos (APOLLONIUS RHODIUS, 1996, p.138, nota 165).



De fato, a tragédia do século V a.C. foi a primeira a tentar este recurso, mergulhando nas características psicológicas dos personagens dos mitos tradicionais, incluindo os do ciclo homérico.

DINIZ, F. G. From dramatic to epic: the presence of tragedy in Apollonius Rhodius' *Argonautica*. **Itinerários**, Araraquara, n.34, p.71-80, Jan./June, 2012.

■ **ABSTRACT:** *This paper discusses the relationship between the epic poem Argonautica, by Apollonius Rhodius, and the Greek tragedies before it. The tragedies are considered, next to the Homeric poetry, important sources to the author's approach to myth and, subsequently, to Rhodius' narrative. Beyond this, the narrative and the expressive resources that the poet uses are very close to Euripides and Aeschylus tragedies, and this relationship helps us understand how an Alexandrian poet works with the epic matter after the rising of classical Greek tragedy.*

■ **KEYWORDS:** *Apollonius Rhodius. Argonautica. Hellenistic Era. Tragedy. Epic poetry.*

## Referências

APOLLONIUS RHODIUS. **Argonáuticas**. Tradução e notas de M. V. Sánchez. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

\_\_\_\_\_. **The Argonautica**. Edição em grego. Editado com introdução e comentários em inglês por G. W. Mooney. London: Longmans, 1912.

BEYE, C. R. **Epic and romance in the Argonautica of Apollonius**. Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1982.

CLARE, R. J. **The Path of Argo**: language, imagery and narrative in the Argonautica of Apollonius Rhodius. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

DUFNER, C. M. **The Odyssey in the "Argonautica"**: reminiscence, revision, reconstruction. Ann Arbor: Princeton University/UMI Dissertation Services, 1988.

ÉSQUILO. **Agamemnon**. Tradução de J. Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2004.

EURÍPIDES. **Eurípides in four volumes**. Tradução de A. S. Way. Cambridge: Harvard University Press, 1939.

GOLDHILL, S. **The poet's voice**: essays on poetic and greek Literature. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de D. Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007. 3 v.

\_\_\_\_\_. **Ilíada**. Tradução de H. Campos. São Paulo: Editora Arx, 2003.

HUNTER, R. The poetics of narrative in the Argonautica. In: PAPANGHELIS, T. D.; RENGAKOS, A. (Ed.). **A Companion to Apollonius Rhodius**. Boston; Köln: Brill, 2001. p.93-125.

MARGOLIES, M. McIn. **Apollonius' "Argonautica"**: a Callimachean Epic. Ann Arbor: Princeton University/UMI Dissertation Services, 1981.

NEVES, M. H. de M. O tema de Agamenão na Odisseia. In: PINTO, N. F.; BRANDÃO, J. L. (Org.). **Cultura clássica em debate**. Belo Horizonte: Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da Universidade de Minas Gerais, 1987.

SNELL, B. A concepção de homem em Homero. In: \_\_\_\_\_. **A cultura grega e as origens do pensamento europeu**. Tradução de D. Schüller. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Recebido em: 29/12/2011.

Aceito em: 31/05/2012.